

## EDUCAÇÃO ESPECIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: DA ESCUTA EMPÁTICA À RESSIGNIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS PELO OLHAR DOCENTE

Jaine da Rosa Santos <sup>1</sup>

Mariana Vianna Potricht <sup>2</sup>

**Resumo:** A pandemia causada pelo SARS-Cov-2 trouxe consigo inúmeras adaptações e no contexto escolar não foi diferente. Em uma instituição educacional especial, notou-se, como demanda oriunda do isolamento social e trabalho em modelo home office, o padecimento psíquico dos docentes, além da necessidade de realizar uma integração e identificação de identidade grupal. O presente trabalho trata de um relato de experiência de intervenção com professoras do setor de psicologia, com base nos grupos operativos.

**Palavras-Chave:** Covid-19. Escola Especial. Inclusão. Mal-estar Docente.

**Abstract:** The pandemic caused by SARS-CoV-2 led to several adaptations, and in the school context, it was no different. In an educational institution for people with disabilities, a demand arising from social isolation and work in the Home Office model, the psychic suffering of teachers, in addition to the need to carry out integration and identification of group identity. The present article is an experience report of intervention with professors by the psychology sector, based on the operative groups.

**Keywords:** Covid-19. Special Education. Inclusion. Teacher Malaise.

### INTRODUÇÃO

O ano escolar de 2020 iniciou, nas instituições educacionais, com a retomada das atividades laborais com formação, planejamento do ano letivo e retorno dos alunos. Contudo, houve o cenário pandêmico causado pelo SARS-Cov-2, que, ao final do ano de 2019, já era anunciado pelos noticiários. Quando se tornou realidade no Brasil, causando diversos impactos na sociedade, isso impôs ao sistema educacional muitas adaptações para que o ano letivo tivesse prosseguimento. Adaptações sempre foram práticas rotineiras dentro da educação especial e inclusiva, conduzindo o contexto educacional de acordo com as necessidades reais do educando.

Para as pessoas com deficiência, o direito à educação foi ao longo dos anos arduamente conquistado, entretanto, a pandemia trouxe consigo maiores desafios. A práxis pedagógica com o educando teve de ser adaptada aos ambientes familiares de cada aluno, buscando a preservação do direito à educação.

A Lei Brasileira de Inclusão de 2015, legítima no Art. 27 que “a

<sup>1</sup> Graduanda de Psicologia. Estagiária de Psicologia na Apae de Porto Alegre. Unidade Dr. João Alfredo de Azevedo. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.  
<sup>2</sup> Psicóloga. Mestre em Reabilitação e Inclusão. Especialista em Psicopedagogia, Educação Especial, Processos Inclusivos e Orientação Educacional. Formação em Terapia Sistêmica de Família e Casal. Psicóloga da Apae de Porto Alegre. Unidade Dr. João Alfredo de Azevedo.

educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades” (BRASIL, 2015).

No livro eletrônico publicado pela Federação Nacional das APAES, com orientações e suporte para o ensino remoto emergencial, os autores retomam uma importante premissa sobre as práticas pedagógicas nas escolas especiais. Além das teorias que orientam as ações educacionais nas escolas regulares, é necessário buscar estudos que permitam adequações das práticas escolares ao perfil dos alunos com deficiência (OLIVEIRA, 2020). Ademais, são precisas adequações para que tal prática possa ser realizada no contexto em que o educando se encontra, considerando que, no terceiro setor, costumeiramente nos depararmos com famílias em contexto de vulnerabilidade social, sendo difícil o acesso à internet ou, até mesmo, tendo o deslocamento até a instituição de ensino. Geralmente, tal deslocamento era realizado por transporte público, o que, em contexto pandêmico, torna-se desaconselhável.

Segundo Reichenberger et al. (2020), ainda não há consenso sobre a maior vulnerabilidade das Pessoas com Deficiência ao vírus da COVID-19, sendo reconhecida uma parte significativa desse grupo de pessoas pelo maior risco do desenvolvimento da forma mais grave da doença. Seja pelas comorbidades apresentadas ou pelas particularidades da rotina de vida, como pela necessidade da presença de um cuidador e os impactos da doença sobre as estruturas de apoio (família, amigos e serviços de reabilitação), essas são variáveis relevantes. Sendo assim, além das angústias e incertezas de uma doença que traz consigo a iminência de tantas perdas, à comunidade escolar enfrentou outro grande desafio: o ensino remoto emergencial. Essa modalidade de ensino trouxe consigo a imposição de determinadas adaptações, em vários campos de experiências sociais. Nota-se, também, que, com as aulas remotas, surge um grande desafio, que é justamente o lugar que a escola ocupa na vida social do aluno com deficiência. É preciso entender que a escola, de modo geral, cumpre um papel que não é somente o de ensinar matérias curriculares, mas, também, de um envolvimento socioafetivo na vida desse educando. No momento que voltamos o olhar para a escola especial, tal fenômeno, no papel social ocupado pela escola, torna-se ainda mais relevante.

No presente artigo, apresentaremos um relato da experiência de profissionais de uma Escola Especial pertencente a uma APAE da região metropolitana do estado do Rio Grande do Sul, a qual atende alunos com deficiência intelectual e múltipla e Transtorno do Espectro Autista – TEA, a partir dos 6 anos de idade. Muito está sendo discutido sobre técnicas pedagógicas de ensino on-line, sobre ambientes virtuais terem se tornado o novo cenário educacional. Contudo, foi identificado pelo setor de psicologia escolar uma emergente necessidade de escuta para o grupo de professoras, que, no somatório de ocorrências sociais e familiares vividas no momento, estavam sobrecarregadas por uma corrida por produtividade.

Conforme Pereira et al (2020) afirmam, já, há alguns anos, estudos e pesquisas apontam indicadores relacionando à docência com acometimentos psíquicos e a necessidade de ações de saúde mental. A escola é uma instituição viva, em função do grande número de

relações interpessoais, cujo principal personagem é o aluno. Para que o aluno seja atendido de forma adequada, necessita-se de educadores preparados intelectual, emocional e socialmente.

No contexto pandêmico, um estudo chinês identificou significativo número de docentes adoecidos emocionalmente pelas consequências do COVID-19, relacionado, principalmente, a transtorno depressivo, ansiedade generalizada e síndrome de burnout ou síndrome do esgotamento profissional (WANG; WANG, 2020). Diante do exposto, o setor de psicologia se depara com uma demanda que talvez se fizesse presente no ambiente escolar de longa data, mas que no contexto pandêmico, com o trabalho em Home Office, emerge com determinada voracidade no contexto educacional. Em contextos típicos, o trabalho escolar se configura como uma conjuntura grupal mesmo que, aparentemente separados por turmas, o funcionamento geral está articulado entre si. No momento em que as instituições são aconselhadas pelos órgãos de saúde a fecharem as suas portas e se adaptarem remotamente, o trabalho ainda permanece articulado, mas agora, em espaços diferentes, o trabalho teve de ser adaptado para acontecer virtualmente. Os profissionais se comunicavam on-line, mas cada um na sua residência, gerando, portanto, o sentimento de solididade. A demanda estava posta, tínhamos um grupo de professoras trabalhando de maneira conectada, porém, isolada, o que faz com que sejam necessárias práticas que almejam a saúde mental, em tal cenário. O objetivo não era terceirizar o serviço com encaminhamentos, mas tencionar, institucionalmente, quais habilidades tínhamos em mãos para lidar com o caso.

## **METODOLOGIA**

Nessa situação sem precedentes, causada pela pandemia da COVID-19, novas estratégias foram necessárias para contemplar as demandas da comunidade escolar. Conteúdos latentes emergiram com força e uma série de necessidades surgiram. Em resposta, iniciamos uma intervenção junto às professoras, sustentadas nas propostas descritas de grupos operativos, no período de maio a dezembro de 2020, pela plataforma digital Zoom.

A técnica do grupo operativo pressupõe a tarefa explícita (aprendizagem, diagnóstico ou tratamento), a tarefa implícita (o modo como cada integrante vivência o grupo) e o enquadre que são os elementos fixos (o tempo, a duração, a frequência, a função do coordenador e do observador) (BASTOS, 2010, p. 165).

### **Método**

A abordagem metodológica adotada foi de caráter descritivo, com dados qualitativos. “Na abordagem qualitativa, além de identificar, descrever e associar variáveis as pesquisas com abordagem qualitativa pretendem interpretar os significados. Dar sentido aos fenômenos que investiga” (GAYA, 2016).

### **Coleta de Dados**

Os dados foram coletados a partir da realização dos grupos operativos. Contamos com alguns instrumentos de coleta, como a observação sistemática, o diário do pesquisador e aplicação de um questionário semi estruturado que, segundo Gaya (2016), permite ao pesquisador desenhar as suas conclusões.

Os encontros aconteceram quinzenalmente, com duração de uma hora, sendo mediados pela psicóloga, acompanhada das estagiárias de psicologia e com apoio e parceria da coordenação pedagógica. Os grupos foram divididos pelas modalidades de ensino, sendo esses: ensino fundamental; educação de jovens e adultos, programas pedagógicos específicos e oficinas socioassistenciais, contabilizando ao todo quatro grupos, um com cinco participantes, e os demais com quatro participantes cada. As participantes foram ao todo 11 professoras regentes de turma e duas professoras de áreas especializadas, sendo essas: educação física e artes, três educadoras sociais dos serviços socioassistenciais e duas estagiárias de pedagogia. Os grupos aconteceram de abril a dezembro de 2020, totalizando 20 encontros.

O grupo operativo proporciona que se trabalhe teoria e práticas pedagógicas, favorecendo o surgimento de expressões pessoais e grupais que podem, então, serem encaradas de forma clara e consciente.

Ao se entender que a Educação é um processo eminentemente relacional, os possíveis benefícios produzidos pelos grupos operativos contemplam não apenas os professores, mas transcendem os limites do grupo alcançando os alunos e toda a comunidade escolar (BOECK, 2006, p. 38).

Ao trabalharmos com o grupo de professoras, dentro da perspectiva grupal, olhando para o *self* do professor, estamos indiretamente atingindo a turma de estudantes dela.

Os grupos tinham um planejamento prévio, para o caso de existir uma resistência grupal, porém o objetivo era tornar um espaço acolhedor de escuta e continência, buscando uma identidade grupal própria: “Pelo olhar psicanalítico, a expressão, a fala e a escuta são importantes na simbolização dos sintomas e, por isso, a relevância do ouvir os professores e suas ansiedades, deixá-los falar sobre o que sofrem e como sofrem” (PACHIEGA, 2020, p. 230).

Dentro disso, foram, então, conduzidos esses momentos, proporcionando abertura para escuta de sentimentos e percepções de si e das situações enfrentadas, trabalhando o *self* das professoras, bem como identificação das necessidades de cada turma.

Na concepção de Pichon-Rivière, o grupo apresenta-se como instrumento de transformação da realidade, e seus integrantes passam a estabelecer relações grupais que vão se constituindo, na medida em que começam a partilhar objetivos comuns, a ter uma participação criativa e crítica e a poder perceber como interagem e se vinculam (BASTOS, 2010, p. 164).

A conclusão dos grupos culminou com a chegada do recesso escolar e foi então, conduzido, por parte das mediadoras, o encaminhamento para a conclusão dos grupos. Após realizar o fechamento, foi enviado um formulário on-line, utilizando a plataforma Google forms. Ele era respondido de forma anônima, com sete perguntas, objetivas-descritivas: você acha impor-

tante que estes grupos continuem acontecendo? Por quê? Estão claros, para você, os objetivos destes encontros? Quais são suas dúvidas e questionamentos? O que você achou das temáticas abordadas? Por quê? Como você avalia sua participação nos grupos? Descreva seu aproveitamento pessoal e motivos para a intensidade de sua participação. O que você achou da mediação e condução dos encontros? Dê sua opinião sobre este aspecto. Quais são suas sugestões para os próximos encontros? O que você acha que poderia melhorar ou modificar nos encontros para melhor aproveitamento pessoal e do grupo?

Foi enviado o questionário para as participantes e solicitado que ficassem à vontade para responder, mas que a realização dele seria de significativa importância, no sentido de servir como termômetro da intervenção realizada.

### **Análise dos Dados**

Toda a apresentação dos resultados encontrados se fez de forma descritiva, indo ao encontro das propostas das pesquisas qualitativas. Para tanto, foram utilizadas etapas redução por análise de conteúdo, delimitação de categorias de análise e interpretação dos fenômenos observados.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os feedbacks recebidos ao término dos encontros, foram, na sua maioria, positivos, agradecendo a abertura de tal espaço para diálogo, elogiando a iniciativa e mediação. Notou-se que algumas temáticas foram mais significativas e intensas nos discursos, possibilitando ressignificações e aprendizados. Também, surgiu, inicialmente, uma certa resistência em tocar em determinados assuntos, foi necessário retomar a vigência do sigilo por parte das mediadoras, e a construção de que aquele espaço não era uma reunião formal ou algo semelhante. Com o passar dos encontros, o tensionamento da resistência foi abrindo espaço para compreensão do momento grupal e realmente participação plena neles.

### **Adaptações ao ensino *online* e uso de Tecnologias**

“Muitas vezes, por não conseguir atingir os objetivos propostos pela instituição, e devido às diversas pressões relacionadas ao manuseio das tecnologias, gravações de aulas, os docentes acabam adoecendo.” (SILVA et al., 2020). Como já descrito acima, as adaptações no cenário de educação especial são constantes, entretanto, algumas professoras apresentaram algumas dificuldades, tais como: utilização de plataformas digitais, aplicativos, armazenamento de dados em nuvens ou até mesmo gravação de videoaulas e realização de pequenas edições.

Um sentimento inicial identificado foi uma busca por produtividade, muito imposta pelas mídias sociais, que estimulavam uma competição por quem produzia mais conteúdo digital,

associado a questionamentos velados sobre o desempenho do professor e fantasias que estavam em casa “sem fazer nada”. “Muitas vezes, por não conseguir atingir os objetivos propostos pela instituição, e devido às diversas pressões relacionadas ao manuseio das tecnologias, gravações de aulas, os docentes acabam adoecendo” (SILVA et al., 2020). O grupo operativo abriu portas para que ali falassem das suas dificuldades, encontrando alívio em saber que a colega também apresentou dificuldades. Além disso, encontravam continência, a partir de um olhar empático dos membros do grupo, que validaram os seus esforços e competência.

Um fato interessante é que as professoras mais jovens, normalmente e naturalmente, apresentavam mais facilidade no uso de tecnologias, colocando-se à disposição para auxiliar. Com o passar dos encontros, percebemos a diminuição da ansiedade quanto ao uso de ferramentas digitais e satisfação, por estarem aprendendo novos recursos para aprimorar o seu repertório de instrumentos pedagógicos.

A instituição também observou que a organização ofertou capacitações nesse sentido, com oficinas e treinamentos de uso das plataformas mais utilizadas pelas professoras.

### **Frustração frente ao baixo retorno das famílias e alunos**

Segundo o Documento Norteador da APAE/Brasil de 2017, a parceria “escola família” no processo de escolarização é uma prática da qual se registram inegáveis contribuições, a escola disponibilizando apoios, orientações e os atendimentos psicossociais com vistas ao empoderamento familiar. Contudo, a pandemia desestabilizou essa relação. Muitos relatos de professoras foram direcionados às angústias de não conseguirem acessar os seus alunos e famílias ou, ainda, não obterem retorno algum de atividades. Um fator importante observado foi a situação de vulnerabilidade em que muitas famílias se encontravam, intensificadas ainda mais pelas imposições e restrições do isolamento social que tirou, de muitas famílias, renda e oportunidades de acesso. A conversa quase diária com as famílias, na entrada ou na saída dos turnos escolares, desapareceu, distanciando e dificultando essa parceria primordial. A partir da identificação dessa demanda foi possível, por um trabalho integrado com a coordenação pedagógica, assistente social e psicóloga, a busca ativa dessas famílias, além da conscientização dos desafios enfrentados pelas famílias e pelas professoras, buscando-se estratégias que pudessem auxiliar as famílias e garantir o acesso aos conteúdos e aulas, como visitas domiciliares, oferta de atividades impressas, encaminhamentos para rede de apoio, entre outros aspectos.

Ademais, um fator percebido e necessitado de investimentos, foi o significado da escola para as pessoas com deficiência. Muitas famílias, com mais crianças e adolescentes em idade escolar que dispunham de pouco recursos tecnológicos para acesso às aulas, priorizavam esse uso para os outros membros, relatando pouca importância dos conteúdos escolares para o sujeito com deficiência. Esses relatos espelham um antigo paradigma que não atribui aprendizado significativo à pessoa com deficiência. Essa foi uma oportunidade de desmistificar esse conceito e reforçar o potencial dos sujeitos da educação especial nos seus processos de aprendizagem,

ressignificando o papel da escola especial e ressaltando as suas inúmeras possibilidades dentro da proposta do currículo funcional. Assim, compartilhando as suas percepções e angústias, as professoras puderam reavaliar sua prática, aprimorar seu olhar acerca da relação com as famílias, buscando novas estratégias de alicerçar esse vínculo primordial.

### **Entrada no ambiente familiar**

No ensino remoto emergencial, os professores adentraram, ainda que virtualmente, nas casas e rotinas dos seus alunos. Uma das necessidades mais evidentes foi de construir essa rotina, com alunos e familiares, buscando um espaço físico e de tempo no dia a dia para as atividades escolares. Contudo, a grande maioria das professoras se deparam com realidades antes distantes, ou, pelo menos, minimizadas quando os alunos estavam na escola: a vulnerabilidade em que muitas famílias vivem. “Experiências anteriores mostram que o contexto de crise acelera e evidencia as situações de vulnerabilidade e de desigualdade presentes na sociedade” (REICHENBERGE, 2020).

Para as professoras não mais chegavam somente demandas pedagógicas, ou de aprendizagem, os conteúdos mais emergentes dizem respeito às necessidades das famílias e usuários, a mediação das adversidades no momento pandêmico. Elas começaram a identificar sinais e relatos de familiares sobre os efeitos negativos da falta dos estímulos, não somente escolares, mas também dos atendimentos de reabilitação complementares, os quais grande parte dos alunos frequentava.

A desassistência também se expressa na diminuição da oferta de serviços necessários. Pessoas com deficiência e dependentes de terapias de reabilitação podem apresentar declínios funcionais, razão porque o suporte rotineiro a seus cuidados deve ser mantido, sob as diferentes condições de saúde apresentadas, garantindo-lhes a assistência integral a suas necessidades, observados os ajustes razoáveis. (REICHENBERGE, 2020).

Pelos encontros nos grupos, as professoras encontraram espaço, também, para dividir essas demandas com a psicóloga e a assistente social da instituição, para que, por um trabalho interdisciplinar, pudessem articular ações que atendessem às necessidades das famílias. Nesse espaço, elas poderiam falar dos seus sentimentos quanto à frustração de não conseguirem um retorno/devolutiva. Nesses casos, notamos um grande acolhimento pelo grupo, pois a equipe técnica também estava dando o suporte para resgatar o contato com as famílias, mas, também, para que pudesse ficar claro a essa profissional que uma “não devolutiva” tem causa multifatorial.

Os atendimentos de saúde e assistência social na instituição, por se enquadrarem em serviços essenciais, tiveram sua retomada com protocolos de biossegurança necessários. Assim, as demandas identificadas pelas professoras puderam ser encaminhadas e ações como busca ativa por visitas domiciliares, retomada ou ingresso em atendimentos de reabilitação em saúde, entrega de alimentos em parceria com os CRAS, acolhimento e atendimentos às famílias, entre outras atividades foram realizadas.

## **Preocupações Pessoais**

O Home Office não opcional exigiu uma rápida adaptação das professoras a esta nova rotina, contudo, não facilmente, todas enfrentaram esse desafio. Muitos foram os relatos de dificuldades em manter as demandas familiares e profissionais no mesmo espaço físico e de tempo. O grupo de professoras, na sua totalidade do sexo feminino, na sua maioria mães, muitas com filhos ainda pequenos, verbalizaram as angústias de terem o seu ambiente familiar misturado com o trabalho, onde a sala da casa, transformou-se em sala de aula e ainda necessitavam dar conta de serem professoras dos seus filhos em idade escolar, sem deixarem de cumprir com o seu papel de mães.

Emergiram, também, muitos relatos referentes às preocupações quanto à saúde com familiares, como com pais idosos que residem junto, e a iminência de precisarem, em algum momento, retornar ao trabalho presencial e “levar o vírus para casa”, o que gerava intensa ansiedade. Outras se mantinham distantes dos seus familiares mais idosos, buscando a preservação da saúde, mas igualmente preocupadas com a possibilidade de uma contaminação.

O contato social se resumia ao convívio da família nuclear, ou seja, daqueles que residem na mesma casa. Isso ocorreu de inúmeras formas, evidenciando o impacto do isolamento social. Pachiega et al. (2020) propõem pensar esse momento como algo que influenciou diretamente o mundo interno das pessoas de forma negativa, “mobilizando os afetos mais profundos e agitando sentimentos subjetivos relativos à sociabilidade”.

Os momentos grupais se tornaram palco também para debater que não somente as adaptações laborais tiveram que ser feitas e apresentavam dificuldades, mas também o que tange a um nível social, econômico e político. Um agravante a tantas incertezas foi o fato de que muitos prazeres tiveram que ser repensados, pois, no presente contexto, não era mais possível realizar viagens, jantares, idas ao cinema ou parque. Um fenômeno interessante observado é o de que muitas educadoras encontraram um hobby e passaram a compartilhar sobre isso, gerando, assim, novas possibilidades de prazer e satisfação, dentro do que é possível ser feito.

## **Trocas e Apoio entre os pares**

Na ausência do convívio diário nas salas dos professores, nos corredores, nas caronas e momentos de pátio, espaços virtuais de trocas como os grupos foram o oásis em meio ao deserto social que enfrentavam. Muitas das angústias relatadas nos parágrafos anteriores, encontravam acolhida na escuta empática das colegas. Além disso, identificar os mesmos conflitos em outros oferece um sentimento de não estar só, e contribui para a busca de estratégias facilitadoras.

“A Educação se reinventou, se transformou, se adaptou no ano de 2020 e tais alterações podem ser consistentes se o olhar sobre as pessoas que a fazem acontecer for diferente” (PACHIEGA, 2020). A oportunidade de se escutar, possibilitou às professoras a reflexão crítica de suas práticas, tornando as suas ações mais coesas e coerentes, desempenhando os seus papéis



de forma mais segura e confiante, apesar das incertezas e inseguranças inerentes ao momento vivido.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pandemia causada pelo COVID-19 ainda se faz presente, bem como as demandas educacionais também. Com os grupos, foi possível sanar muitas dúvidas, dar vazão para vários sentimentos, inquietações, mas, principalmente, o que os grupos operativos deixaram como resultado foi a aproximação grupal e a identidade dele, possibilitando maior troca entre as professoras. Entretanto, temos ciência de que estamos quase chegando ao final de um ano e meio de ensino remoto, fato que presentifica o sentimento de ambivalência: de fato, atualmente as professoras estão mais adaptadas com as aulas on-line, bem como os estudantes e famílias. Contudo, também, existe o sentimento de cansaço, de um desejo iminente em querer retomar à rotina presencial. O que pode ser notado é que, atualmente, após a ocorrência dos grupos, as professoras realizam maiores trocas entre si. Um fato que consideramos positivo foi de que várias profissionais buscaram ajuda profissional em saúde mental, vindo até o setor de psicologia contar que estavam realizando psicoterapia e que despertaram o interesse em buscar isso, após o grupo operativo.

Compreendemos a necessidade de realizar um trabalho preventivo, portanto, entende-se que os grupos, no momento pandêmico, ocorreram de modo a sanar uma demanda emergencial, mas que, no funcionamento típico escolar, também é possível realizar intervenções por parte do setor de psicologia, de modo a proporcionar uma maior integração. Outra prática que poderia ser adotada, em decorrência disso, seria a de proporcionar intervenções para que o grupo tenha uma melhor coesão e que quando tenha a entrada de novo profissional na equipe, seja recebido de maneira saudável, com integração.

Entende-se, também, que a instituição educacional sofre constantemente mudanças e adaptações. Ainda há demandas da pandemia que estão presentes, por ser um fenômeno ainda não findado, tal como o retorno das aulas presenciais e a readaptação para o contexto escolar. O desejo de retomar as aulas na presencialidade está sendo realizado, mas em uma escola composta por protocolos de biossegurança, distanciamento social e uso de equipamentos de proteção individual. Portanto, o entendimento é de que a intervenção com grupos operativos teve resultados positivos, mas que não é estanque, podendo ser refeito, na medida em que se tem a compreensão de que as demandas não são cristalizadas e vão se atualizando com o pulsar escolar.

## **REFERÊNCIAS**

APAE BRASIL, Práticas pedagógicas nas escolas especiais e centro de atendimento educacional especializado para o ensino remoto emergencial. São Paulo: Instituto APAE Brasil de ensino e pesquisa, 2017.

BASTOS, A. B. B. I. A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. *Psicol inf.*, São Paulo, v. 14, n. 14, p. 160-169, out. 2010.

BRASIL, Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm). Acesso em: 20 jun. 2021.

BOECK, V, R; SARRIERA, J, C. O Grupo Operativo Intervindo na Síndrome de Burnout. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPE)*, São Paulo, v. 10, 2006.

GAYA, A. Projetos de pesquisa científica e pedagógica. O desafio da iniciação científica. Instituto Casa da Educação Física: Belo Horizonte, 2016.

PACHIEGA, M, D; MILANI, D, R, C. Pandemia, as reinvenções educacionais e o mal-estar docente: uma contribuição sob a ótica psicanalítica. Dossiê: O (Re)inventar da Educação em Tempos de Pandemia. *Dialogia*, São Paulo, n. 36, p. 220 – 234, set./dez. 2020.

PEREIRA, H, P. Saúde mental de docentes em tempos de pandemia: Os impactos das atividades remotas. *Boletim de conjuntura, Boa Vista*, ano II, v. 3, n. 9, 2020.

REICHENBERGER, V, et al. O desafio da inclusão de pessoas com deficiência na estratégia de enfrentamento à pandemia de COVID-19 no Brasil. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, v. 5, n. 29, p. 1- 5, nov. 2020.

SILVA, A, F, et al. Saúde mental de docentes universitários em tempos de pandemia. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, e300216, 2020.